



**JEL** UERJ  
Jornadas de Estudos da Linguagem  
02 a 04 de DEZEMBRO de 2010



## **A interface morfologia-semântica: a fusão no português**

Vítor de Moura Vivas<sup>1</sup>

*E-mail:* [vitorvivas@yahoo.com.br](mailto:vitorvivas@yahoo.com.br)

*Tipo de apresentação:* Comunicação

*Palavras-chave:* Alternância vocálica; Fusão; Morfologia; Forma; Conteúdo.

A modificação no radical a serviço de uma informação gramatical é muito pouco estudada no português. A literatura morfológica, em geral, apenas aponta para casos de alternância vocálica. Assim, f(i)z / f(ê)z; est(i)ve / est(ê)ve; p(u)de / p(ô)de são casos de informação número-pessoal através da alternância vocálica. Já em p(u)nha / p(ô)nha, a mudança de vogal informa modo-tempo-aspecto. Nesses casos apontados, a alternância vocálica é vista como um morfema, já que é responsável por veicular um conteúdo gramatical (CÂMARA JR., 1970). Em exemplos como form(ô)so / form(ó)sos; vist(ô)so / vist(ó)sa, a alternância vocálica é considerada um submorfema, já que não é o principal sinal de uma informação gramatical (número ou gênero), mas atua como um reforço dessa informação (CÂMARA JR., 1970). Como morfema ou submorfema, a alternância vocálica é considerada alomorfia de alguma informação gramatical: modo-tempo-aspecto; número-pessoa; gênero; número.

A alternância vocálica é considerada pela literatura morfológica como um caso de exceção, já que seria a morfologia portuguesa aglutinativa. Pretendemos demonstrar que esses casos de mutação vocálica não são meras exceções, não constituem casos improdutivos na língua. Pelo contrário, há regularidades nessas modificações vocálicas; e tais regularidades precisam ser estudadas e sistematizadas no português. A mudança vocálica não ocorre por acaso, ela é motivada fonologicamente, já que só ocorre no contexto de sílaba tônica de radical. Além disso, em termos semânticos, sempre veicula alguma informação gramatical.

Objetivamos apresentar a regularidade dessas mudanças vocálicas fundamentando-nos no aporte-teórico de Bybee (1985). Para Bybee (1985), existe motivação entre forma e conteúdo, em outras palavras, a expressão de superfície é motivada semanticamente. Num vocábulo, afixos que ocorrem mais próximos do radical são mais relevantes que afixos que ocorrem distantes dele. Além disso, quando um conteúdo gramatical é muito relevante, ele tende a se fundir no radical do verbo (fusão). Os casos de mutação vocálica acima citados, assim como casos de mutação consonantal no radical: *faç-* (fazer); *dig-* (dizer) e ditongação: *caib-* (caber); *troux-*

---

<sup>1</sup> Vítor de Moura Vivas é formado em Letras /Literaturas (Licenciatura e Bacharelado) pela UFRJ. Atualmente, cursa Mestrado na UFRJ em Português, sendo bolsista FAPERJ NOTA 10. Além disso, é Professor Substituto de Língua Portuguesa pela mesma Instituição.

(trazer), são exemplos claros de fusão no português. Em *faç-* e *caib-*, por exemplo, há informação da noção de tempo presente.

Pretendemos, neste trabalho, demonstrar casos variados de fusão no português. Defendemos a hipótese de que irregularidades existentes em radicais de verbos constituem, muitas vezes, reflexo de fusão de alguma informação gramatical. Desse modo, objetivamos demonstrar que a morfologia portuguesa não se estrutura só por concatenação de constituintes, mas também por fusão. A fusão foi plenamente estudada por Bybee, que demonstrou sua motivação semântica/cognitiva analisando uma amostra de 50 línguas realizada por Perkins.

Com relação ao objeto de estudo do nosso trabalho, pretendemos focalizar a modificação consonantal que veicula informação gramatical. Todavia, haverá ênfase na alternância vocálica. Fundamentamos essa alternância através do aporte teórico de Bybee (1985), como já dissemos. Na análise dos dados, tentaremos formalizar o fenômeno. Na literatura morfológica tradicional, diz-se que afixos indicam informações gramaticais, pois a Morfologia buscaria sempre a relação unívoca entre forma e conteúdo. Dessa forma, a fusão é um problema para a literatura tradicional, já que, nesse processo, modificações no conteúdo lexical de vocábulos expressam informações gramaticais. Demonstraremos que é possível formalizar o fenômeno fusão através de alternância vocálica; para realizar essa formalização, utilizaremos o aporte teórico da Morfologia Autossegmental (MCCARTHY, 1979; 1981).

Como pôde ser observado acima, utilizaremos dois aportes teóricos para a abordagem da fusão em português. Na fundamentação da fusão, ancoramo-nos no em Bybee (1985), que aplica o Funcionalismo / Cognitivismo à morfologia. Desse modo, demonstramos como mudanças no radical têm uma motivação semântica e veiculam alguma informação. Posteriormente, a fim de efetivar uma formalização para a fusão por alternância vocálica, fundamentamo-nos na Morfologia Autossegmental (1979; 1981), que dá conta de fenômenos morfológicos não-concatenativos.

#### Bibliografia:

BYBEE, Joan L. *Morphology A Study of The Relation Between Meaning And Form*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1985.

CABRAL, Leonor Scliar. *Introdução à Linguística*. 5 ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1982.

CAMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

FREITAS, Horácio Rolim de. *Princípios de Morfologia*. 3 ed. Rio de Janeiro: Presença, 1991.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. *Flexão e Derivação em Português*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2005.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. Flexão e derivação: o grau. In: VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo (org.). *Ensino de gramática*. São Paulo: Contexto, 2007.

KEHDI, Valter. *Morfemas do Português*. São Paulo: Editora Ática, 1990.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça & SOUZA E SILVA, Maria Cecília Pérez de. *Linguística aplicada ao português: morfologia*. 5 ed. São Paulo: Cortez, 1989.

LAROCA, Maria de Nazaré carvalho. *Manual de Morfologia do português*. Campinas: Pontes; Juiz de Fora: UFJF, 1994.

MIRA MATEUS; M. H.; BRITO, A. M; DUARTE, I. *et al. Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra: Livraria Almedina, 1983.

PETTER, Margarida Maria Taddoni Petter. “Morfologia”. In: FIORIN, José Luiz. *Introdução à Linguística: II Princípios de Análise*, capítulo 4, São Paulo: Editora Contexto, 2003.

LOPES, Carlos Alberto Gonçalves. *Lições de Morfologia de Língua Portuguesa*. Jacobina: Tipô-Carimbos, 2003.

MCCARTHY, J. *Formal problems in semitic phonology and morphology*. Ph.D. Dissertation, MIT, p. 435-483, 1982.

MCCARTHY, J. A prosodic theory of nonconcatenative morphology. *Linguistic Inquiry* 12, Cambridge, MA: MIT, p. 373-418, 1981.

MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia Portuguesa*. 3 ed. São Paulo: Pontes, 1991.

ROCHA LIMA, Luiz. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

VIVAS, Vítor de Moura. Relendo as categorias verbais. In: Cadernos do Congresso Nacional de Linguística e Filologia, volume XIII, nº 4, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em <http://www.filologia.org.br/>.

ZANOTTO, Normélio. *Estrutura mórfica da língua portuguesa*. Caxias do Sul: EDUCS, 1986.